



# Sumário

## **Introdução 9**

### **1. A desigualdade racial brasileira 15**

Os números da desigualdade 17

Existe racismo no Brasil? 21

A manifestação do preconceito no Brasil 23

A relação racial no espaço público e privado 24

A identidade construída 26

A (in)visibilidade do negro no quesito cor/raça do Censo 28

A relação entre raça e classe 29

### **2. A República Velha e as relações raciais brasileiras 33**

A teoria racista chega ao Brasil 34

A Revolta da Chibata (1910) 36

O ideal de embranquecimento 40

A mestiçagem: um dilema nacional 41

O projeto de imigração da elite brasileira 42

O lugar do trabalhador nacional 43

<b>3. A Era Vargas e o mito da democracia racial</b>	<b>47</b>
O mito fundador da nação brasileira	47
O mito da democracia racial e as ideias de Gilberto Freyre	49
O protesto negro na Era Vargas	51
O apagamento da memória e da história	54
<b>4. Democratizando as relações raciais no pós-guerra</b>	<b>57</b>
O protesto negro dos anos 1940 e a Lei Afonso Arinos	57
A Unesco investiga as relações raciais brasileiras	60
As ideias de Oracy Nogueira	61
As ideias de Florestan Fernandes	62
As ideias de Thales de Azevedo	64
<b>5. A ditadura militar e o protesto negro</b>	<b>67</b>
A organização contra o racismo	68
A movimentação nacional contra o racismo	68
O Movimento Negro Unificado (MNU)	71
<b>6. A redemocratização e as transformações simbólicas e concretas</b>	<b>75</b>
As mudanças na sociedade	75
Os avanços na legislação antirracista	79
O movimento negro hoje	82
<b>Conclusão</b>	<b>85</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>89</b>



## Introdução

A história do Brasil contada na versão oficial sempre enalteceu os feitos dos vencedores, dos generais e o heroísmo da elite nacional. É recente a preocupação com a voz e as narrativas históricas da óptica dos povos vencidos. O novo tempo muito nos inspira a iluminar dimensões pouco exploradas da história do negro brasileiro.

É tempo de a história revisitar a realidade brasileira com novos olhares. Esta é muito maior que a ideia que fazemos dela, é dinâmica, e compreendê-la requer múltiplos olhares.

Este livro apresenta o ponto de vista histórico das relações raciais e as desigualdades no Brasil. Oferece ao leitor a oportunidade de conhecer novos caminhos para uma educação antirracista e, sobretudo, para estimular seus valores intrínsecos. A igualdade das relações sociais, a consciência política da diversidade histórica e o respeito às diferenças são caminhos que nos levam à cidadania plena.

Há duas décadas, os jovens aprendiam na escola que a *miscigenação ou mestiçagem* era boa para os brasileiros, e,

graças a ela, não existiam entre nós o *preconceito*, a *discriminação racial* e, essencialmente, o *racismo*.<sup>1</sup> E que, se caminhássemos rapidamente na direção do branqueamento (mistura de raças<sup>2</sup>), chegaríamos à tranquila convivência racial, com pouquíssimos casos de racismo.

Essa realidade não se concretizou e, dessa maneira, cristalizou-se um tabu, convencionando o silêncio em toda e qualquer vinculação entre juventude e educação antirracista.

É próprio da juventude questionar, contestar e modificar, e, nessa medida, a cada geração o jovem rompe barreiras e protagoniza uma cultura juvenil nova e moderna. Esse fator, entre outros, modificou a relação entre a escola e o jovem. Hoje, há mais espaço para debater atitudes, práticas e opiniões.

.....

1. *Preconceito* significa atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se inserem, baseada não em seus atributos reais, mas em ideias preconcebidas. *Discriminação racial* é uma ação, atitude ou manifestação contra uma pessoa ou grupo de pessoas em razão da sua “cor”. *Racismo* é o conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelecem uma hierarquia entre as raças (*Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*, p. 215-17).

2. No século XXI, graças aos avanços da genética, cientistas contestam a validade científica do termo “raça”, argumentando que os grupos populacionais não são homogêneos e que as diferenças aparentes entre as “raças” nada mais são que diferenças adaptativas ao meio ambiente, não comprometendo o desenvolvimento da espécie humana. Assim, caiu por terra a ideia de raças superiores ou inferiores. Todavia, o fato de o termo ser largamente utilizado na identificação dos grupos humanos nos permite dizer que o conceito “raça” foi construído socialmente para indicar lugares hierarquizados, muito embora não tenha comprovação científica.

Desse modo, já temos elementos e valores para enfrentar o tabu de que o racismo não existe e para aprender a conhecer, respeitar e valorizar as identidades de todos.

Para que possamos debater as consequências da desigualdade racial no Brasil, conheceremos novos sentidos da relação racial e a desigualdade social construída entre negros e brancos no período histórico republicano. Com esse novo olhar, poderemos compreender o papel ideológico do mito da democracia racial brasileira. A leitura desta obra revelará, ainda, o que está por trás da ambiguidade das relações raciais e os perigos de uma política eugênica; as várias experiências no campo da pesquisa científica progressista; e as ações políticas de protesto para desnudar as desigualdades no Brasil.

Onde essa estrada vai dar? Entraremos em contato com o racismo do tipo brasileiro. Ele vem de longa data. É um fenômeno dinâmico e reconfigura-se ao longo da história sempre que encontra transformações em nossa sociedade.

Ao longo das décadas posteriores à proclamação da República, o racismo passou por vários estágios. Enquanto na República Velha o Brasil conheceu um racismo aberto, fundamentado em doutrinas vindas da Europa, na década de 1930 as atitudes racistas foram mais dissimuladas. Por isso, configurou-se o chamado “racismo cordial”<sup>3</sup>. A miscigenação, antes considerada motivo de atraso para o desenvolvimento nacional, passou a ser valorizada e apresentada

.....

3. A expressão “racismo cordial” é originária da expressão “homem cordial”, cunhada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil*, publicado em 1936. Para mais informações, veja Kupstas, 1997, p. 59.

como um desejo de todos os brasileiros para que se apagasse a “mancha da escravidão”. O nacionalismo do governo de Vargas procurou neutralizar o comportamento hostil no campo das relações raciais e reinventar uma nação brasileira plurirracial, urbana e industrial.

Nos trinta anos seguintes, a redemocratização imprimiu maior dinâmica à sociedade brasileira. Ressurgiram os protestos negros no campo da cultura, a exemplo do Teatro Experimental do Negro. O cenário das comemorações do Centenário da Abolição do Tráfico de Escravos foi marcado pela realização do Congresso do Negro Brasileiro, que reivindicava uma legislação antirracista. A produção acadêmica sobre o preconceito racial também aumentou consideravelmente.

Nos anos 1970, época de protesto e contestação, o mito da democracia racial não passou incólume, sendo o alvo preferencial do movimento social negro – que ressurgiu na efervescência da luta contra a ditadura militar.

Naquela época, intelectuais, músicos, cineastas e estudantes, aprofundando sua consciência, reconfiguraram palavras, discursos e estatísticas capazes de decifrar as relações raciais antes que ela solapasse a democracia. Os protestos negros nas ruas reinventaram a luta por direitos e imprimiram nova dinâmica às relações raciais, que deixaram de ser vistas como cordiais. A partir daí, surgiram argumentos factíveis para que construíssemos novos paradigmas capazes de promover a igualdade racial e democratização do Brasil.

Com a abertura política, os movimentos negros foram adquirindo cada vez mais autonomia e capacidade de ação, situação que se consolidou nas últimas duas décadas.

Para compreendermos melhor essa revolução histórica, temos de começar com a seguinte pergunta: por que existe

racismo no Brasil? Diante do vasto campo das desigualdades em nosso país, este livro decifra o mito da democracia racial e denuncia o racismo que sempre permeou nossa sociedade.

Vamos conhecer essa história.



# 1

## A desigualdade racial brasileira

Nos últimos anos, o cenário nacional passou por grandes e rápidas transformações econômicas, políticas e sociais de caráter neoliberal, com forte impacto na desigualdade social e no aumento da exclusão de muitos brasileiros.<sup>4</sup> Porém, a situação de exclusão dos dias de hoje está presente desde a estruturação inicial da sociedade brasileira.

Como assinala o historiador Caio Prado Jr. (1989), a identidade nacional é fortemente marcada pelo sistema colonial

.....

4. O neoliberalismo defende a total liberdade de mercado, sem interferência do Estado na regulamentação da economia. Surgido nos anos 1970, com as ideias de intelectuais e economistas liberais dos Estados Unidos e da Inglaterra, foi amplamente promovido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), principalmente após a queda do muro de Berlim, em 1989. Os governos de orientação neoliberal defendem a limitação da participação do Estado na atividade econômica e social, promovendo a privatização de empresas públicas. Na prática, o neoliberalismo gerou graves problemas sociais, como o desemprego em massa.

e escravista, em cuja sociedade desenvolveu-se a cultura patriarcal e etnocêntrica<sup>5</sup>.

Em tais fatores encontramos as raízes da desigualdade na sociedade brasileira, sobretudo na forte concentração de terra e nas relações sociais advindas do trabalho escravista, que deram origem a uma rígida estratificação de classes sociais. A distância social entre a elite proprietária rural e a massa dos trabalhadores delineou as bases da atual concentração de renda.

O fim da escravatura, da qual o Brasil foi o último país a se livrar, não aboliu o monopólio da terra, fonte de poder econômico e principal meio de produção até as primeiras décadas do século XX. A classe dos trabalhadores brasileiros fez-se com a importação de mão de obra imigrante e com a exclusão dos trabalhadores nacionais.

Com o crescimento populacional e o acelerado ritmo da urbanização nos séculos XIX e XX, a sociedade tornou-se mais complexa, mas a concentração da renda aprofundou-se. Com ela, a desigualdade social jogou para a margem da sociedade a maioria dos brasileiros, sobretudo a população negra.

No topo da pirâmide social ficaram os brancos letrados, donos de terra, com direito a voto e a manifestar livremente

.....

5. O conceito de patriarcado explica a dominação e exploração das mulheres pelos homens. No Brasil, a dominação da mulher nasceu na família colonial, com o prestígio do senhor de engenho, e se expandiu por toda a sociedade. Sua principal característica é a distribuição desigual do poder, dos papéis sociais e das oportunidades em detrimento das mulheres. Já a cultura etnocentrista considera a si própria o padrão civilizatório de todas as demais, geralmente negando tudo que é diferente dos seus costumes e hábitos. Além de Prado Jr. (1989), confira também Saffioti (2004).

sua opinião. Na base, todos aqueles não brancos, sem nenhum tipo de posse e sem escolaridade.

## OS NÚMEROS DA DESIGUALDADE

---

O Índice de Desenvolvimento Humano é calculado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para investigar a qualidade de vida nos países do globo com base na distribuição de renda, na educação e nas condições de saúde. No ranking mundial de 2007, o Brasil está em 70<sup>º</sup> lugar, sendo considerado um país de desenvolvimento humano elevado.

---

O economista paquistanês Mahbub Ul Haq criou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para medir o desenvolvimento social dos países. No caso da educação, considera-se a taxa de alfabetização e a taxa de matrícula; no caso da longevidade, considera-se a expectativa de vida ao nascer; para mensurar a renda, considera-se o Produto Interno Bruto per capita (PIB total dividido pelo número de habitantes do país) medido em dólares.

O IDH varia entre 0 e 1. Os países que atingem menos de 0,499 pontos são considerados de desenvolvimento baixo. Os que atingem entre 0,500 e 0,799 têm desenvolvimento médio. Os que atingem pontuação igual ou superior a 0,800 são altamente desenvolvidos.

---

Fonte: [www.pnud.org.br/idh](http://www.pnud.org.br/idh)

Porém, o Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil é bem diferente quando observamos os dados por cor/raça.